

A defesa da Razão e o encontro com a louquinha

Dia 26 de setembro de 1990. Walter Benjamin morreu há exatamente cinquenta anos. O Instituto Goethe está patrocinando um simpósio sobre o escritor alemão. Sérgio Paulo Rouanet e eu, convidados, aproveitamos um momento de folga para passear pelo centro da cidade de São Paulo, olhando os livros velhos nos "sebos". De repente, aparece diante de nós uma mulher de aspecto humilde, desdentada, que se dirige a mim e diz, sorrindo:
- O senhor, com esses cabelos brancos, devia ser governador de São Paulo. Ia ser muito bom pra nós.
Depois, ela se volta para o meu amigo e fala:
- O senhor poderia ser o Papa.
Em seguida, sempre sorrindo, desaparece. Passado um primeiro momento de perplexidade, Rouanet comenta:
- A intuição popular tem sua sabedoria. Se você fosse governador de São Paulo, provavelmente

faria um governo melhor do que aqueles que o Estado tem tido. E se eu fosse Papa faria um pontificado politicamente mais progressista do que o de João Paulo II.
Logo, porém, a moça desdentada reaparece e nos explica:
- Fugi hoje de manhã da clínica onde estava internada. Me deram choques na cabeça. E as freiras me davam pouco comida, me tratavam mal. Sou doída sim, mas não quero ficar lá. E não tenho dinheiro para comer.
Dou-lhe uma nota que pode assegurar um modesto almoço. E ela, antes de sumir novamente, se despede, agradecendo:
- Pode estar certo de que eu não vou comprar cachaca não.
Prosseguimos nossa caminhada. Rouanet admite, bem humorado e um pouco melancólico:
- Minha teoria da intuição popular e sua sabedoria ficou um tanto prejudicada...

Leandro Konder

A historinha serve para ilustrar duas das características essenciais do modo de sentir e de pensar - e mesmo do modo de ser - de Sérgio Paulo Rouanet diplomata de carreira (atual embaixador do Brasil na Dinamarca) e ao mesmo tempo ensaísta e crítico literário de primeiríssima categoria. Rouanet é um sujeito sempre disposto a reconsiderar sua maneira de ver as coisas quando as coisas se esquivam às suas interpretações. E talvez para não se apegar demasiado às teorias que elabora cultiva um tom brincalhão um ligeiro distanciamento irônico em relação a seus próprios juízos peremptórios.

Disposição para rever suas posições no diálogo e postura divertida em face de seu próprio discurso no entanto não significam no nosso ensaísta fraqueza de convicção. Rouanet é há muito anos um incansável lutador na "batalha das idéias" ele sustenta num combate incessante ao irracionalismo os valores da razão.

Rouanet tem a coragem intelectual de se escandalizar com a exacerbção de um movimento que estimulado pela "indústria cultural" e pela radicalização da dinâmica do mercado capitalista substitui a idéia de uma unidade do gênero humano por uma fragmentação infinita numa multiplicidade incontrolável de experiências culturais particulares que não admitem nenhuma síntese já que estão previamente legitimadas por um relativismo cínico.

Em nome do combate à "tentação totalitária" e muitas vezes invocando motivações tidas

Rouanet está inteiramente convencido da interdependência da razão e da democracia. Por isso ele se empenha em encaminhar a reflexão na única direção em que ela pode contribuir com perfeita coerência para a auto-renovação do pensamento racional a da busca da universalidade através da autocrítica da razão e da sua permanente abertura para o que é novo e para o que é diferente.

O que a razão pode nos proporcionar - diz o nosso ensaísta no livro "A Razão cativa" (editora Brasiliense 1985) - é sempre um "modesto saber sempre provisório sempre sujeito a revisão incapaz de oferecer respostas definitivas mas a única via possível para a verdade". Nossa consciência assim está condenada a oscilar "entre a lucidez" nunca permanente e a opacidade sempre superável".

A essa concepção de razão corresponde "um novo conceito de objetividade" que Rouanet encontra em Antônio Gramsci na firme recusa do pensador marxista italiano a uma "objetividade extra-histórica e extra-humana". A razão e a objetividade não se podem pretender imunes às distorções ideológicas. E Rouanet comentando a "filosofia da práxis" de Gramsci observa que existe "uma diferença fundamental entre a filosofia da práxis e as demais ideologias ela é a única que se sabe mortal a única que se pensa em sua transitoriedade de verdade provisória correspondendo a um momento histórico preciso". Essas palavras se encontram numa análise comparativa das posições de Althusser e de Gramsci num livro intitulado "Imaginário e dominação" (ed. Tempo Brasileiro 1978).

O conceito de razão com que Rouanet trabalha então não

da sociedade. Em alguns momentos é possível até que essa leitura de Freud por Rouanet seja excessivamente generosa; é possível que ele tenha minimizado ou atenuado elementos complexos e perturbadores da concepção do homem - bastante pessimista adotada por Freud.

Na ocasião em que "A Razão cativa" apareceu o psicanalista Jurandir Freire Costa advertiu para o fato que Rouanet desconhecia a alienação "originária e estrutural" do ego tal como Freud o via; e indagou polemicamente se "Rouanet tentando conciliar Freud com Habermas não obriga às vezes os conceitos psicanalíticos a dizerem o que a política e a filosofia gostariam de escutar?".

Podemos por conseguinte suspeitar de um determinado uso da psicanálise a serviço de um saber mais abrangente. Que saber seria esse? Que conhecimento englobaria tanto a psicanálise como a história e a política ou a filosofia?

Seria um saber tipo antropológico? Mal a hipótese nos ocorre somos levados a afastá-la com prudência porque verificamos que Rouanet vê com acentuada desconfiança a perspectiva que vem sendo adotada pelos antropólogos. Numa entrevista concedida há tempos ao "Jornal do Brasil" o nosso ensaísta declarou "Toda a antropologia contemporânea ou quase toda ela é dominada pela idéia do relativismo cultural a idéia de que não existem padrões universais de julgamento e de avaliação de que os padrões são puramente condicionados" (24-9-1988).

O saber mais abrangente capaz de propiciar os melhores fundamentos para um conceito amplo de razão é mesmo a filosofia. E na filosofia o pensador que merece atualmente a maior atenção de Rouanet é o alemão Jürgen Habermas. Em 1980 aliás Rouanet já tinha preparado a edição de uma coletânea de ensaios de Habermas em português e tinha escrito (em colaboração com sua mulher Bárbara Freitag) a introdução ao volume "Habermas" ed. Atica). Nos últimos dez anos a importância de Habermas como interlocutor vem crescendo para o ensaísta brasileiro paralelamente a Walter Benjamin (de quem é tradutor e sobre quem escreveu o magnífico "Edipo e o anjo" que a editora Tempo Brasileiro lançou em 1981) Habermas é seguramente o autor que Rouanet frequenta com maior proveito.

No ensaio final do volume "As razões do Iluminismo" (ed. Companhia das Letras 1987) Rouanet sublinha a significação do conceito de *razão comunicativa* proposto por Habermas. O filósofo alemão distingue entre uma razão instrumental sistêmica ligada ao trabalho à dominação técnica da realidade objetiva pelo sujeito e uma razão processual intersubjetiva que se liga à necessidade do diálogo à busca de um consenso na comunicação entre os sujeitos. Atualmente vivemos um período histórico no qual a razão sistêmica instru-



mental vem se expandindo cada vez mais e apresenta características "imperialistas" impondo uma drástica redução ao espaço da razão comunicativa. No entanto segundo Habermas os seres humanos continuam a necessitar do entendimento mútuo e a manter uns com os outros uma certa relação dialógica.

Num livro publicado anteriormente ("Teoria crítica e psicanálise" editora Tempo Brasileiro 1983) Rouanet já deixara claro que endossara a revisão de Marx encaminhada por Habermas (apoiado em Freud) enquanto Marx enxergava o ser humano como *animal laborans*

mente que nós reconhecemos uma dimensão da realidade humana que não cabe na ótica da razão instrumental quer dizer ela nos possibilita reconhecermos que os homens naquilo em que os trabalhos os frustrava se viram obrigados a buscar compensações se viram "condenados à repressão e à fantasia". Com isso constituíram as bases da razão comunicativa.

Desde Kant a razão tem um conteúdo programático inequivocamente crítico libertar o homem de todas as formas de tutela internas ou externas. Ser racional significa ser autônomo conhecer e agir livremente. E Hegel e em Marx o su-

Diante dessa recuperação da razão Rouanet se entusiasma.

Vibra com o reaparecimento dos "velhos ideais do Iluminismo" com a revalorização enérgica do conhecimento. "Ousa conhecer!" (*Sapere aude!*) recomendava Kant. Graças ao estímulo que nos traz a teoria da ação comunicativa podemos enfrentar com firmeza e com serenidade a banalização desmobilizadora da vida cultural promovida pelo "pós-moderno". A razão rejuvenescida revigorada em seu espírito crítico e autocrítico encarnada na antiga coruja da deusa Minerva se sente suficientemente forte para defender a nobre causa da universalidade mesmo no meio "desta apoteose do particularismo tropicalista que é o carnaval" ("Jornal do Brasil" 24-9-1988).

Percebo na vitalidade das convicções racionalistas de Rouanet muita coisa que me encanta. A vocação democrática o apreço pelo conhecimento a recusa das facilidades do pragmatismo a inspiração nitidamente humanista a combinação do otimismo iluminista com a corajosa abertura do pensamento para o novo. E também a importância atribuída à linguagem - à comunicação intersubjetiva - na construção da razão.

Só tenho um receio o de que de repente nos reapareça a louquinha que cruzou o nosso caminho em São Paulo. Imagino o que diríamos se ela surgisse outra vez diante de nós fantasiada de chacrete e nos advertisse com seu simpático sorriso desdentado "Quem não se comunica se trumbica!".

Rouanet está inteiramente convencido da interdependência da Razão e da democracia

como "nacionalistas" correntes reacionárias estão hoje dinamitando todos os esforços consequentes no sentido de pensar a "universalidade" da experiência humana. Rouanet em entrevista concedida recentemente a Luciano Trigo denuncia a atividade desses dinamitadores "E uma atitude reacionaríssima. E como o governo sul-africano dizer que os negros devem viver confinados em guetos porque têm sua própria cultura."

E a posição do Le Pen na França que acha que os franceses têm o direito de defender sua identidade cultural diante dos imigrantes".

A defesa da razão contra as diversas modalidades de irracionalismo faz parte para Rouanet da preservação do espaço onde os seres humanos podem superar a estreiteza de seus particularismos de suas idiossincrasias; podem se encontrar e enriquecer mutuamente se incorporando as experiências dos outros no plano da universalidade.

se prende às limitações e às ingenuidades dos pensadores da "Ilustração" francesa ao otimismo cético do "Século das Luzes". Ele trata de escapar também aos aspectos pré-freudianos da visão que os marxistas costumam ter das relações entre as distorções ideológicas e o conhecimento histórico. Para o nosso ensaísta em seu esforço para superar o "psicologismo" individualista os marxistas acabaram deixando de lado a investigação dos problemas ligados ao espaço interno da problemática da consciência que é o espaço do *desejo*. Freud trouxe uma contribuição imprescindível à investigação dos problemas humanos que se manifestam nessa área que os marxistas não souberam explorar.

Freud se torna com isso para Rouanet um autor decisivo. Ele submete os textos do criador da psicanálise a uma leitura generosa que procura apaixonadamente aproveitar idéias capazes de fortalecer a razão e a luta pela democratização

Rouanet vibra com o reaparecimento dos velhos ideais do Iluminismo

isto é como um ser que surge e cresce no trabalho permanecendo portanto preso à razão instrumental Freud (releído por Habermas) via o homem como um ser que precisava ser compelido ao trabalho através de um sacrifício pulsional. Nas palavras de Rouanet "O homem se organiza em sociedade para sobreviver no confronto com uma natureza hostil mas essa sobrevivência exige ao mesmo tempo que as pulsões excedentes, libidinais e agressivas sejam controladas sem o que não seriam liberadas as energias para o trabalho". A concepção do homem por Freud tem assim uma vantagem sobre a perspectiva de Marx ela per-

jeito racional se empenhou em assumir seu enraizamento histórico. Marx levou esse empenho longe tratou de aprofundar os andames da razão apoiando-a na ação do proletariado. Esse enfoque no entanto se revelou problemático; com a crise do marxismo a razão se enrijeceu na instrumentalidade ficou congelada em esquemas estériles e acabou perdendo o lugar que havia encontrado. Com a teoria de Habermas - de acordo com Rouanet - a razão volta a ter um lugar próprio "ela se enraiza nas estruturas da intersubjetividade mediada pela linguagem" já que os homens de algum modo não podem viver sem se comunicar uns com os outros.